

Considerações acerca da noção de agressividade na teoria psicanalítica

*Vitor Augusto Werner dos Reis**
*Maurício Eugênio Maliska***

Resumo

Este artigo busca mapear as contribuições psicanalíticas que envolvem a problemática da agressividade, enfatizando as contribuições de Freud e Lacan. Para isso, optamos em seguir uma linha cronológica do pensamento freudiano, que possibilitou analisar de modo contínuo o desenvolvimento do tema até 1930. Constatamos que alguns conceitos fundamentais da psicanálise, como a pulsão de morte, decorreram dos questionamentos de Freud acerca do funcionamento da agressividade no psiquismo humano, mas também das relações desta com o processo civilizatório.

Palavras-Chave: AGRESSIVIDADE; PULSÃO DE MORTE; PULSÃO DE VIDA; ÓDIO; AMOR.

Considerations about the notion of aggressiveness in psychoanalytic theory

Abstract

This article seeks to map the psychoanalytic contributions that involve the problem of aggression, emphasizing the contributions of Freud and Lacan. For this, we chose to follow a chronological line of Freudian thought, which made it possible to continuously analyze the development of the theme until 1930. We found that some fundamental concepts of psychoanalysis, such as the death drive, resulted from Freud's questions about the functioning of aggressiveness in the human psyche, but also, of its relations with the civilizing process.

Keywords: AGRESSIVENESS; DEATH DRIVE; LIFE DRIVE; HATE; LOVE.

Consideraciones sobre la noción de agresividad en la teoría psicoanalítica.

Resumen

Este artículo busca mapear las contribuciones psicoanalíticas que involucran el problema de la agresión, enfatizando las contribuciones de Freud y Lacan. Para esto, elegimos

* Psicanalista. Mestre em linguística pela UFSC. Doutorando do Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem, na área de Ttxto e Discurso da UNISUL
ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0003-0169-6049>
E-mail: vitoraugustowerner@gmail.com

** Psicanalista. Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor de Psicanálise da Universidade do Sul de Santa Catarina UNISUL.
ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-6457-3743>
E-mail: mmaliska@yahoo.com.br

seguir una línea cronológica del pensamiento freudiano, que permitió analizar continuamente el desarrollo del tema hasta 1930. Descubrimos que algunos conceptos fundamentales del psicoanálisis, como la pulsión de muerte, eran el resultado de las preguntas de Freud sobre el funcionamiento de la agresividad en la psique humana, pero también, de sus relaciones con el proceso civilizador.

Palabras clave: AGRESSIVIDAD; PULSIÓN DE MUERTE; PULSIÓN DE VIDA; ODIO; AMOR.

Introdução

Como guia deste artigo, recorreremos à troca de correspondência entre Freud e Einstein intitulada “Por que a guerra” de 1932. Nela, encontramos três perguntas fundamentais de Einstein que julgamos ser um ponto de partida interessante para a nossa investigação. São elas: 1. Existe alguma forma de livrar a humanidade da ameaça de guerra? 2. Como esses mecanismos conseguem tão bem despertar nos homens um entusiasmo extremado, a ponto de esses sacrificarem suas vidas? E por fim: 3. É possível controlar a evolução da mente do homem, de modo a torná-lo à prova das psicoses do ódio e da destrutividade?

Ao endereçar essas questões a Freud, o físico desloca o fenômeno da guerra do âmbito político, situando-o no campo psicológico. Em outras palavras, Einstein não demanda uma explicação sociológica, visto que supõe no homem uma pulsão agressiva que opera sob diferentes formas nas relações sociais. Nosso interesse se coaduna com o de Einstein ao buscar compreender “por que o homem encerra dentro de si um desejo de ódio e destruição” (Freud, 1933/2006, p. 195), mas também como esse mecanismo psíquico atua na constituição do sujeito e na preservação da vida.

Desse modo, o objetivo do presente trabalho é discutir a noção de agressividade em psicanálise, propondo uma discussão do tema nas obras de Freud e Lacan. Isso não exclui as diferentes leituras que outras disciplinas fazem do assunto. Reconhecemos que a problemática da agressividade não se restringe à psicanálise, haja vista a complexidade em pauta, mas optamos por concentrar nossos esforços teóricos sobre a teoria psicanalítica, mesmo sabendo que um trabalho interdisciplinar alcançaria outras proporções.

Como método, adotaremos em Freud um trajeto cronológico. Ao longo das leituras, percebemos que, ao passo que a psicanálise foi sendo construída, reformulações e novos conceitos foram surgindo, conferindo diferentes interpretações acerca da noção de agressividade. Em Lacan, o tema é desenvolvido em torno do registro imaginário, indicando o lugar que Lacan situa a agressividade em sua obra.

A ambivalência dos sentimentos de amor e ódio

A divisão do aparelho psíquico proposta por Freud, na primeira tópica, assume um caráter matricial na estrutura psicanalítica. A ambivalência entre os polos inconsciente e consciente, atualiza-se metaforicamente em outros conflitos dos quais a psicanálise revela e problematiza. Um deles é exposto por Freud no livro de ensaios “Totem e Tabu” (1913/2013), em que promove uma discussão sobre o encobrimento da hostilidade do homem pelo excesso de ternura ao comparar as proibições do tabu com os sintomas neuróticos. A ambivalência de sentimentos gerada na relação com o outro,

identificada por Freud na clínica, questiona o psicanalista, instigando-o a escutar algo para além do fenômeno.

Freud percebeu, em especial nos pacientes obsessivos, a presença de uma preocupação excessiva direcionada às pessoas mais amadas (família, cônjuge). Essa ternura exagerada, no entanto, nada tem a ver com a disposição para o amor universal, sem qualquer condição compensatória pela perda de satisfação pulsional. O neurótico dirá que a satisfação reside no próprio ato amoroso, reproduzindo o ideal cristão: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. A reivindicação cristã, que é socialmente reforçada, não se sustenta, contudo, durante o processo de análise. Freud identifica contradições no discurso do paciente que deflagram uma ambivalência de sentimentos.

Compreendemos, afirma Freud (1913/2013), que a intensificação excessiva da ternura tem como objetivo encobrir uma corrente oposta, porém inconsciente, de hostilidade. Para confirmar sua tese, Freud recorre aos escritos do antropólogo James Frazer. Para Frazer (1911) citado por Freud (1913/2013),

os times selvagens de Serra Leoa se reservam o direito de, na noite que precede a coroação, dar uma sova no rei escolhido, e eles se servem desse privilégio constitucional com tal radicalidade que por vezes o infeliz soberano não sobrevive por muito tempo à sua elevação ao trono; por isso, os figurões do povo criaram a regra de escolher para o cargo de rei os homens contra os quais têm ressentimentos (p. 96).

Mesmo assim, aponta Freud, a hostilidade não é reconhecida como uma experiência que é subjetiva por sua própria constituição, mas como um comportamento cerimonial. Vemos, nesse mecanismo, a tentativa de desnaturalizar a hostilidade, dando-lhe uma roupagem cultural. Em outras palavras, é como se a hostilidade não estivesse na origem da subjetividade humana, mas decorresse, de forma secundária, do processo civilizatório. Parece, no entanto, acontecer o inverso. A agressividade inerente ao sujeito e potencializada pela renúncia pulsional para a manutenção civilizatória deve ser sublimada e compensada continuamente. O exemplo de Frazer é justamente um ato sublimatório envelopado de modo a ser aceito socialmente.

Outro tabu que Freud identifica na ambivalência dos sentimentos é o dos mortos. Nesse caso, o conflito “provém da oposição entre a dor consciente e a satisfação inconsciente pelo falecido” (Freud, 1913/2013, p. 110). Lembremos que os familiares mais próximos são, ao mesmo tempo, as pessoas mais amadas e odiadas pelo sujeito. Freud aposta nesse conflito original que se intensifica conforme a intimidade. Assim, frente à morte de um ente querido, os sentimentos contraditórios – ternos e hostis – buscam impor-se sob a forma de luto e de satisfação em relação ao falecido. Lidar com o sentimento de satisfação frente à perda produz, no entanto, na maioria dos casos, uma angústia que o neurótico, por meio da projeção [1] ou punição, busca amenizar. A criação projetiva dos demônios, por exemplo, é uma maneira de justificar a hostilidade inconsciente pela morte.

A projeção da hostilidade, nesse caso, serve à resolução de um conflito emocional. O esforço para ocultar a satisfação do ódio sob o pesar é uma poderosa fonte de sentimento de culpa do homem, que, segundo Freud (1915/2006), institui os primeiros mandamentos éticos. Assim, a proibição ocupa o lugar do desejo e a obediência, segundo Gerez-Ambertín (2009), “nasce como uma criação nova, uma produção metafórica que se manifesta em nostalgia do pai” (p. 48).

No artigo “Reflexões para os tempos de guerra e morte”, de 1915, escrito cerca de 6 meses após o início da 1ª Guerra Mundial, Freud delimita a discussão acerca da

agressividade, buscando os elementos psíquicos presentes no fenômeno em detrimento das bases mitológica e biológicas desenvolvidas no “Totem e Tabu”.

A pergunta-chave que Freud busca responder é por que na guerra alguns indivíduos praticam atos de crueldade e barbárie tão discrepantes de seu nível de civilização? E que, em tempos de paz, não julgaríamos capazes de tal comportamento. Num primeiro exame, teríamos que, sob a influência de um ambiente civilizado, as más tendências humanas do indivíduo seriam erradicadas e substituídas por boas. Essa lógica, no entanto, não contempla a ambivalência dos sentimentos humanos e a complexidade do aparelho psíquico, além de privilegiar um pensamento maniqueísta, corrente filosófica criticada pela psicanálise. Freud (1915/2006) complementa: “caso isso seja assim, é, não obstante, surpreendente que o mal ressurja com tamanha força em qualquer um que tenha sido educado dessa forma”. Em suma, “na realidade, não existe a ‘erradicação’ do mal” (p. 290).



Assim, o que a psicanálise nos mostra, é que a natureza humana é habitada por duas forças distintas que não são nem boas e nem más, todavia necessárias para a constituição e organização do circuito pulsional. Segundo Freud (1915/2006), “classificamos esses impulsos, bem como suas expressões, segundo sua relação com as necessidades e as exigências da comunidade humana” (p. 290). O que não impede o sujeito, porém, de assumir a responsabilidade do que é inconsciente, desconhecido no seu eu.

Mas se cada sujeito é atravessado por essas duas forças, por que um comete atrocidades no campo de batalha, enquanto o outro cumpre as ordens buscando causar o mínimo dano possível? Se tomarmos a psicanálise em todo o seu rigor: não sabemos, visto que o sujeito é afetado pelo inconsciente, inviabilizando, assim, qualquer convicção objetiva. Mesmo assim, Freud sugere um caminho interessante de reflexão. Para o psicanalista, “existem muito mais hipócritas culturais do que homens verdadeiramente

civilizados” (Freud, p. 294), isto é, o processo civilizatório exige do sujeito uma renúncia à satisfação pulsional. Essa supressão revelará, contudo, um homem que age bem porque suas inclinações pulsionais o compelem a isso, enquanto outro só responde na medida em que esse comportamento cultural for vantajoso ou punitivo.

Em circunstâncias socialmente regulares, o resultado de ambos será o mesmo. Somente em condições específicas, como as de uma guerra, é capaz de distingui-los. Ainda assim, “não sabemos se certo grau de hipocrisia cultural não é indispensável à manutenção da civilização, uma vez que a suscetibilidade à cultura, (...), talvez não se revele suficiente para essa tarefa” (Freud, p. 294). Isso significa que a compensação pela renúncia pulsional nunca é suficiente para obturar a perda. Além disso, o sujeito não renuncia a tudo, há sempre um resto impossível de simbolizar.

Além do princípio do prazer: pulsões de vida e pulsões de morte

Segundo Kaufmann (1996), em 1908, numa das sessões do grupo das quartas-feiras, Adler propõe a hipótese de uma “pulsão de agressão” articulando a agressividade ao registro do sadismo. Freud concordou com Adler na maioria dos pontos, mas não reconhecia como independente “uma pulsão especial de agressão ao lado das pulsões já conhecidas de conservação e sexual” (Kaufmann, 1996, p. 19). O que para Adler consistia em uma nova categoria de pulsão, para Freud era um atributo inerente a todas as pulsões.

Isso demonstra que a problemática da agressividade está presente nas investigações psicanalíticas desde suas primeiras formulações. Nesse primeiro momento, segundo Birman (2006), a agressividade foi inscrita no registro clínico, mas, aos poucos, foi adquirindo os primeiros contornos conceituais.

O modelo teórico que aprofunda a relação entre duas forças opostas dirigidas simultaneamente para o mesmo objeto, aparece na última parte do texto “As pulsões e seus destinos”, de 1915, como um dos quatro destinos da pulsão. A reversão em seu contrário é localizada por Freud (1915/2014) na relação entre o amor e o ódio para o psiquismo. No entanto, afirma Birman (2006), “o ódio não seria aqui um amor negativo, tal como se poderia supor pela aparente mutação do ódio em amor. Isso seria uma ilusão, já que o ódio teria uma gênese própria” (p. 363).

Pode-se depreender disso, que desde a origem o eu está marcado por essa dose de agressividade. Segundo Freud (1915/2014), “de fato, pode-se afirmar que os verdadeiros modelos da relação de ódio não advêm da vida sexual, mas da luta do eu pela sua conservação e sua afirmação” (p. 59). Essa relação erótica, afirma Lacan (1948/1998), “em que o indivíduo humano se fixa numa imagem que o aliena em sim mesmo, eis aí a energia e a forma donde se origina a organização passional que ele irá chamar de seu eu” (p. 116).

O estudo das “pulsões e seus destinos” (1915) colaborou para que Freud constatasse que a problemática da agressividade se inscreve no registro do eu. O ódio, afirma Freud (1915/2004), “como relação com um objeto, é mais antigo que o amor; ele brota do repúdio primordial do eu narcísico perante o mundo externo portador de estímulos” (p. 61). Os efeitos dessa descoberta ganharam forma a partir de 1920 em “Além do princípio do prazer”, texto que marca uma outra posição teórica acerca da agressividade. Além disso, não é exagero afirmar que o conceito de pulsão de morte mudou para sempre os rumos da psicanálise.

Isso não quer dizer que a agressividade se traduza no conceito de pulsão de morte. Ambos não são equivalentes, como supõem equivocadamente alguns críticos. Há, sim, uma relação significativa entre as duas noções, mas não apenas isso. Segundo Laplanche e Pontalis (2001), “localizando a origem da pulsão de morte na própria pessoa, fazendo da autoagressão o próprio princípio da agressividade, Freud destrói a noção de agressividade, classicamente descrita, como modo de relação com outrem, violência exercida sobre outrem” (p. 14).

Em “O problema econômico do masoquismo” (1924), Freud reconhece que o prazer e o desprazer não estão diretamente ligados a uma diminuição ou aumento das quantidades de tensão. Opondo-se ao Princípio do prazer, afirma “que não se pode duvidar que há tensões prazerosas e relaxamentos desprazíveis de tensão. O estado de excitação sexual constitui o exemplo mais notável de um aumento prazeroso de estímulo desse tipo, mas não o único” (Freud, 1924/2006, p. 178).

Freud quer dizer que há algo para *além* do princípio do prazer que relaciona a satisfação do sujeito com o sofrimento, que se afirma na compulsão à repetição. Esses dois aspectos são invocados em “Além do princípio do prazer” (1920) para justificar a introdução da noção de pulsão de morte.

No capítulo IV do referido texto, Freud (1920/2006) traça uma distinção entre as pulsões do ego e as pulsões sexuais. As primeiras buscam restaurar o estado inanimado da matéria, ou seja, orientam-se no sentido da morte; enquanto os últimos visam ao prolongamento da vida. Nesse momento, a expressão pulsões de morte aparece como sinônimo de pulsões do ego, assim como as pulsões sexuais são nomeadas de pulsões de vida.

No que se refere à problemática da agressividade, Freud (1920/2006) identifica a presença de um componente sádico na pulsão sexual, mas se pergunta como uma pulsão, cujo intuito é prejudicar o objeto pode derivar-se de Eros? Como possível solução, sugere um mecanismo de deslocamento pulsional, ou seja, o sadismo teria origem na pulsão de morte, mas sob a influência da libido narcísica, seria expulso do ego e só surgiria em relação ao objeto, entrando em ação a serviço da função sexual (Freud, 1920/2006). Em outras palavras, “uma parcela da pulsão de morte ficaria a serviço da pulsão de vida e seria desviada para o exterior, sob a forma de sadismo e agressividade [2], uma outra ficaria retida e se articularia à pulsão sexual, de modo a constituir o masoquismo erógeno” (Birman, 2006, p. 364).

Segundo Freud (1930/2006), “É no sadismo – onde o instinto [3] de morte deforma o objetivo erótico em seu próprio sentido, (...) – que conseguimos obter a mais clara obtenção interna de sua natureza e de sua relação com Eros” (p. 125). Em certas circunstâncias, no entanto, o sadismo ou a pulsão de destruição, antes projetada para fora, pode ser mais uma vez introjetada, regredindo à sua situação anterior. O resultado dessa operação é um masoquismo secundário, que é somado ao masoquismo primário (Freud, 1924/2006).

No que concerne ao campo das pulsões, essas diferentes modalidades de agressividade se realizam em combinação ou em contradição entre si. As pulsões de vida e as pulsões de morte nunca atuam de forma autônoma, mas em proporções variáveis que alinham na gradação da agressividade. Segundo Freud (1940/2004), “um acréscimo substancial na agressividade sexual leva alguém da condição de amante à assassino passional, enquanto um decréscimo substancial do fator agressivo o torna tímido ou impotente” (p. 27).

Depreende-se disso que a agressividade tem um papel fundamental na afirmação e conservação da vida, mas que de acordo com o grau de fusão ou des fusão das pulsões,

pode também se transformar em violência ou destrutividade, quando dirigida para o exterior ou em autodestrutividade, quando voltada para o eu. Encontra-se aí o germe que, em poucos anos mais tarde, Freud desenvolveu em “O mal-estar na civilização” (1930).

Ao afirmar que “quanto mais um homem controla a sua agressividade para com o exterior, mais severo – isto é, agressivo – ele se torna em seu ideal do ego” (Freud, 1923/2006, p. 66), Freud reconhece um caráter moral na problemática da agressividade relacionado ao processo civilizatório. Em outras palavras, a renúncia à agressividade ganha um aliado psíquico: o supereu. A pulsão voltada para o eu se divide, sendo uma parte assumida pelo ego, e a outra, opondo-se a ele, sob a forma de supereu.

Essa instância moral, segundo Freud (1930/2006), “está pronta para por em ação contra o ego a mesma agressividade rude que o ego teria gostado de satisfazer sobre outros indivíduos, a ele estranhos” (p. 127). Isso porque, mesmo que o sujeito não tenha cometido um ato agressivo, a intenção de fazê-lo é suficiente para produzir um sentimento de culpa e, por conseguinte, a necessidade de punição.

Assim, “o efeito da renúncia pulsional sobre a consciência, é que cada agressão de cuja satisfação o indivíduo desiste é assumida pelo supereu e aumenta a agressividade deste (contra o ego)” (Freud, 1930/2006, p. 132). A civilização, portanto, “consegue dominar o perigoso desejo de agressão do indivíduo, enfraquecendo-o, desarmando-o e estabelecendo no seu interior um agente para cuidar dele, como uma guarnição numa cidade conquistada” (FREUD, 1930/2006, p. 127).

O mal-estar na civilização

As diferentes modalidades de agressividade desenvolvidas até aqui, voltadas, para o exterior ou para o interior do psiquismo sob as formas da violência, da destruição e da autodestruição, constituem na obra “O mal-estar na civilização” (1930), a matéria-prima que Freud “delineou o mal-estar na modernidade, evidenciando os seus impasses” (Birman, 2006, p. 365). Mais do que a confluência dos esforços de Freud para compreender a problemática da agressividade, “O mal-estar na civilização” (1930) corresponde a uma condição subjetiva que busca, num ato compensatório, uma compensação pela renúncia pulsional. A questão é que essa equivalência raramente ocorre de modo satisfatório para o neurótico. Na verdade, essa frustração é uma das fontes de sofrimento e formação de sintomas.

No seminário 7, Lacan (1959-60/2008) apresenta o seguinte excerto do texto de Freud (1930/2006):

[...] os homens são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo (p. 116).

Lacan (1959-60/2008) busca, nas palavras de Freud, reiterar a tendência nativa do homem à maldade e à agressão. Essa constatação freudiana é uma resposta diante do “amor ao próximo” pregado pelos cristãos, mas que, segundo Freud (1930/2006), se trata de um caso semelhante ao do *Credo quia absurdum* [4], primeiro porque amamos no outro nossa própria imagem, como descrito no mito de Narciso; depois, porque o próximo

é habitado por essa maldade profunda que também se apresenta em mim. Esse é o sentido, segundo Lacan (1959-60/2008), do “mal-estar na civilização”.

Isso implica dizer que a pulsão destrutiva do homem, a hostilidade do eu para com o outro, se opõe ao programa civilizatório. Assim, como uma possibilidade de envelopar essa agressividade original, a civilização impõe sacrifícios que geram restrições pulsionais severas ao sujeito. Nas palavras de Freud (1930/2006), “o homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (p. 119).

Retomando a problemática da culpa no desenvolvimento da civilização, Freud identifica duas fontes que atuam na origem do sentimento de culpa: a primeira surge do medo de uma autoridade e tem como efeito a renúncia do sujeito às satisfações pulsionais; e outra, diz respeito ao medo do supereu, que além da renúncia às satisfações, exige também uma punição, visto que os desejos proibidos não escapam a censura do supereu.

O que Freud (1930/2006) quer dizer é que se a renúncia se restringisse ao medo de perder o amor da autoridade, ao efetuar essa renúncia, ficar-se-ia quite com a figura da autoridade e nenhum sentimento de culpa permaneceria, produzindo, mesmo que de forma ilusória, um efeito liberador. Com o supereu, no entanto, a renúncia pelo amor não basta, pois o desejo persiste e não pode ser escondido do supereu. Assim, “uma ameaça de infelicidade externa – perda de amor e castigo por parte da autoridade externa – foi permutada por uma permanente infelicidade interna, pela tensão do sentimento de culpa” (Freud, 1930/2006, p. 131).

Parece ser esta uma das principais constatações de Freud acerca do mal-estar do sujeito na civilização.

Lacan: a agressividade no espelho

Segundo Birman (2006), no que se refere à agressividade, Lacan se inscreve na mesma linha teórica estabelecida por Freud, contudo, “se o discurso freudiano enfatiza os registros da pulsão e da representação, o de Lacan, costura o registro da pulsão com o da imagem” (Birman, 2006, p. 373). A relação especular, segundo Lacan (1960-61/2010), “a relação originária entre o sujeito e a imagem especular se instala na reação dita da agressividade” (p. 351). Em suma, o sujeito combate aquele que mais admira.

No seminário 1, “Os escritos técnicos de Freud” (1953-54/1983), Lacan problematiza a noção de agressividade comumente adotada, marcando a necessidade de diferencia-la e aprofunda-la em termos psicanalíticos. Segundo Lacan (1953-54/1983), “acredita-se que agressividade é a agressão. Isso nada tem a ver. É no limite, virtualmente, que a agressividade se resolve em agressão. Mas a agressão nada tem a ver com a realidade vital, é um ato existencial ligado a uma relação imaginária” (p. 205), ou seja, a agressividade localiza-se numa lógica psíquica especular, que pode, num segundo momento, despontar na ordem simbólica como violência.

Para Lacan (1958-59/2016), a questão da agressividade localiza-se num espelhamento imaginário entre aquele que é o Ideal do eu, é também aquele que, de acordo com a lógica hegeliana da impossibilidade das coexistências, deve-se matar. Esse conflito imaginário, marcado por uma dimensão paranoica, decorre da reatualização de uma *imago* originalmente agressiva, que projeta a identificação imaginária no outro.

Em termos freudianos, estamos diante do *Unheimlich*, do “in-familiar” que segundo Tavares (2018), “nos toca por ser parte constituinte e encoberta de nosso psiquismo, podendo aflorar malgrado os esforços egoicos por seu silenciamento” (on-

line). Em outras palavras, o sujeito ataca o que dele é comum no semelhante. Hostilizamos o “outro familiar” porque é ele que porta a imagem que preferimos não ver, mas que reivindicamos como exclusivamente nossa.

Para Lacan (1948/1998), “a agressividade intencional corrói, mina, desagrega; ela castra, ela conduz à morte” (p. 107), ou seja, a agressividade trabalha para a desagregação, para aquilo que corrói e que conduz a morte. A agressividade que conduz a morte está em ligação com o narcisismo que não suporta o outro, tal como “o genitor severo que intimida pela sua simples presença” (p. 107). Lacan (1948/1998) se pergunta de onde provém tanta agressividade, e responde sem hesitação: “da paixão narcísica” (p. 118). O sujeito não ama o que não é o eu.

A agressividade não está fora do corpo, ela se volta para o corpo. Sua imagem mais emblemática é o corpo despedaçado. E como forma de saída dessa agressividade, Lacan aponta, de modo muito precoce, o diálogo. “O diálogo em si parece constituir uma renúncia à agressividade [...] o analista curava pelo diálogo, e curava loucuras igualmente grandes” (Lacan, 1948/1998, p. 109). É claro que devemos entender esse diálogo na análise na chave da escuta analítica, uma vez que não se trata de uma díade entre analista e analisante, pois há uma disparidade de funções estruturais entre essas duas posições em uma análise.

Por fim, recuperando as questões de Einstein descritas na introdução do artigo, consideramos que as discussões travadas ao longo do texto, se aproximaram dos pontos desenvolvidos por Freud (1932/2006) na carta-resposta a Einstein. A conclusão de Freud, não por acaso, é também a nossa conclusão: “não há maneira de eliminar totalmente as pulsões agressivas do homem; pode-se tentar desviá-las num grau tal que não necessitem encontrar expressão na guerra” (Freud, 1932/2006, p. 205). A conclusão de Lacan (1948/1998) segue também a mesma linha, mas radicaliza-se na sua afirmação: “a guerra revela-se cada vez mais a parteira obrigatória e necessária de todos os progressos de nossa organização” (p. 125).

Referências

Birman, J. (2006). Arquivo da agressividade em psicanálise. *Natureza Humana*, n.8. v.2, pp. 357-379. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302006000200005&script=sci_abstract.

Freud, S. (2006). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915a).

Freud, S. (2006). Além do princípio do prazer. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol.18). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1920).

Freud, S. (2006). O Ego e o Id. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923).

Freud, S. (2006). O problema econômico do masoquismo. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1924).

Freud, S. (2006). O futuro de uma ilusão. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1927).

Freud, S. (2006). O mal-estar na civilização. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1930).

Freud, S. (2006). Por que a guerra? In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1933).

Freud, S. (2014). As pulsões e seu destinos. In Freud, S. *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo horizonte: Autêntica Editora (Obra original publicada em 1915b).

Freud, S. (2014). Compêndio de Psicanálise. In Freud, S. *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo horizonte: Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1940).

Freud, S. (2013). *Totem e Tabu: algumas correspondências entre a vida psíquica dos selvagens e a dos neuróticos*. Porto Alegre, RS: L&PM. (Obra original publicada em 1913).

Gerez-Ambertín, M. (2009). Entre dívidas e culpas: Sacrifícios – crítica da razão sacrificial. Rio de Janeiro: Cia. De Freud.

Lacan, J. (1983). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Trabalho original publicado em 1953-1954).

Lacan, J. (2016). *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1958-1959).

Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960).

Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1960-1961).

Lacan, J. (1998). A agressividade em psicanálise. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. (Trabalho original publicado em 1948).

Laplanche, J.; Pontalis, J.-B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fonte.

Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Tavares, P. H. (on-line). *Narciso e Nêmesis: o ódio como paixão pelas faltas de Ecos*. Recuperado em 27/03/2020 em: <<http://jornadas2018.blogspot.com/2018/>>

Notas:

[1] Segundo Freud (1913/2013), “a projeção dos próprios sentimentos maus nos demônios é apenas uma parte de um sistema que se tornou a ‘visão de mundo’ dos primitivos” (Freud, 1913/2013, p. 114), mas que encontra um correlativo nas crenças religiosas.

[2] Através de um sistema orgânico especial, o aparelho muscular.

[3] Problema na tradução: ler pulsional.

[4] "Acredito porque é absurdo", utilizado por Freud no capítulo V de “O futuro de uma ilusão” (1927).

Citação/Citation: Reis, V. A. W.; Maliska, M. E. (2022) Considerações acerca da noção de agressividade na teoria psicanalítica. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XIV, no. 2.), pp. 90-100.

Recebido: março de 2021
Aprovado: setembro de 2022